

Três jardineiros

Raymundo tem uma experiência confusa e desagradável com a visão de três supostos jardineiros, um suposto Francisco Lembi e uma suposta Bá. Francisco tenta lhe devolver um livro do “Catecismo Leigo”. “Não quero mais corrigi-lo e nem participar dessa história. E se você deseja continuar comigo, tem que fazer o mesmo”.

13 de janeiro de 2008

Neste dia, lá pelas 10 horas da manhã, eu estava elaborando no computador o roteiro para a Missa das 17 horas, quando chegou por trás de mim a Bá¹. Estava muito assustada, dizendo que o Francisco² queria falar comigo no portão.

– Fale com ele para vir aqui – eu respondi.

Ela me disse que tinha tentado fazer isso, mas o Francisco não queria entrar. Achei estranha a atitude dele e resolvi descer. Chegando ao portão, vi três homens trabalhando no jardim. Eu não tinha contratado ninguém; ainda mais três... Não tinha cabimento uma atitude dessas, mas resolvi focar a minha atenção no Francisco.

– O que é isso, Francisco?... Vamos entrar.

– Não, você hoje contratou pessoas para me impedir.

– Eu, impedir?... Como?...

E fui logo tentando segurar na mão do Francisco, procurando convencê-lo a entrar, quando um dos homens que trabalhava no jardim me interrompeu:

– Não faça isso!

– Quem é você? – eu perguntei surpreso. Por que está aqui trabalhando no jardim? Não o conheço!

O homem, sem me responder, voltou ao trabalho. Reparei que o Francisco tinha nas mãos um livro, o "Catecismo Leigo". Ele me disse em seguida:

– Estou lhe devolvendo este livro. Não quero mais corrigi-lo e nem participar dessa história. E se você deseja continuar comigo, tem que fazer o mesmo.

Quando fui pegar o livro, outro dos três homens me interrompeu:

– Não faça isso!

Eu, sem entender, mesmo porque a situação era igual à primeira, limitei-me a obedecer, e o homem voltou ao trabalho. Queria compreender o que estava acontecendo, mas era difícil. Alguma coisa me impedia de tomar decisões racionais, e isto estava me incomodando. Foi quando uma borboleta azul tentou pousar na cabeça do Francisco, mas ele se debateu todo, procurando impedir que a borboleta fizesse isso. Eu então o interrompi:

– O que é isso, Francisco?... Não estou reconhecendo você.

Estiquei o braço e a borboleta pousou na minha mão. Com a borboleta na mão, quis fazer com que ela ficasse no ombro do Francisco, quando vi a mão do terceiro pressuposto jardineiro me interromper:

– Não faça isso!

Nessa hora vi a Bá se aproximando, e sem titubear fui logo perguntando a ela:

– Quem contratou esses homens?

– Fui eu. Mas não como jardineiros, mas para protegê-lo.

– Proteger de quê?...

– Para que você não encoste a sua mão na mão dele; para que

você não aceite o livro; e para que você não se pactue com ele por meio da borboleta.

– Meu Deus, que doideira! – exclamei.

Quando falei “Deus”, vi que o Francisco não era o Francisco. Ele tentava me atacar, quando os três homens interferiram e a pressuposta Bá foi com a mão estendida chegando perto dele e dizendo para mim:

– Fale “Deus”, fale “Deus”, fale “Deus”.

Eu ia falando o que ela me sugeria. O ambiente ficou totalmente tomado pelas asas da borboleta no meu braço e tudo começou a ficar azul. Fui ficando sem forças, quando vi então que os homens me amparavam e me levavam de volta, assentando-me no sofá da sala.

Pouco depois voltei ao portão, mas não vi mais nada. Procurei a Bá, e ela não sabia de nada.

Foi uma experiência terrível. Quero esquecê-la, mas não consigo.

1

² Francisco Lembi.

Referência: LOPES, Raymundo. Três Jardineiros. In: LEMBI, Francisco. **Raymundo Lopes, Daniel:** Uma incógnita dos finais dos tempos. Belo Horizonte: Magnificat, 2010. p. 55.